



## **Sujeitos históricos, quem são? Considerações sobre sequência didática trabalhada com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental**

André Luís Oliveira Martins<sup>\*</sup>

Tatiane Helena da Costa Paiva<sup>\*\*</sup>

Acreditamos que o ensino de história é um campo de investigação que mantém uma relação ao mesmo tempo íntima e estranha com a produção do conhecimento da historiografia profissional. A produção particular de conhecimentos históricos dentro da escola tem vínculos irredutíveis com a historiografia profissional, porém também se caracteriza por estar fora dela, possui uma lógica distinta, susceptível de converter em objeto de investigação. Nesse sentido, se apresenta em um espaço fronteiro entre história e ensino. No que se refere às semelhanças retomamos o conceito de operação historiográfica de Michel de Certeau: 1) referência a um conjunto de técnicas de análises; 2) a construção de um texto com aspectos formais e linguísticos particulares; 3) as condições políticas, socioeconômicas e culturais em que se desenvolve a investigação histórica profissional. Tais características podem ser identificadas tanto na investigação histórica quanto no ensino.

Quanto às especificidades da pesquisa no ensino de história destacamos que este privilegia estudar o tempo presente, com isso, não pretendemos tirar o olhar da historiografia profissional, pelo contrário, consideramos necessário que os historiadores observem como um uso da história, cuja procedência não necessariamente é a produção dos historiadores. Uma das implicações desta perspectiva é a exigência de construir categorias de análises particulares para o ensino de história como objetivo de investigação. O método do historiador é insuficiente para compreender os processos de ensino e aprendizagem da história na atualidade. Em primeira instância a fonte é sempre o sujeito (professor ou estudante).

A construção do ensino de história como objeto de investigação desborda as fronteiras disciplinares da história profissional. Ao mesmo tempo esta variedade de



procedimentos disciplinares, de métodos de interpretação e obtenção de dados e de criação de fontes, reflete a impossibilidade de um saber específico, e reforça o saber fronteiriço.

Investir na pesquisa sobre o ensino de história requer categorias analíticas e ferramentas metodológicas variadas que se aproximam e se distanciam da historiografia profissional. Isso se deve porque o ensino de história nunca perde o vínculo com a produção de conhecimento histórico dos historiadores, porém toma de fontes teóricas e metodológicas que a desdobram. Ao longo da nossa participação no Programa Institucional de Bolsas de Incentivo a Docência (PIBID), do curso de História da FACIP/UFU, empreendemos investigações acerca do processo de ensinar e aprender História.

Consideramos que o Ensino de História possibilita ao professor a se engajar, juntamente com seus alunos, numa construção do saber e do conhecimento crítico. Os discentes, quando percebem que o professor não está intencionalmente tendenciado a um pensamento, mas sim, está voltado a entender o que o estudante, mesmo dos anos iniciais do fundamental, têm como conhecimento de determinados assuntos, fica mais rica a construção do saber em sala de aula. GAUTHIER (1998), afirma que a ação do professor faz toda diferença na aprendizagem, e que embora ensinar seja um ofício exercido em quase todas as partes do mundo, desde a Antiguidade, ainda se sabe muito pouco a respeito dos fenômenos que lhe são inerentes, e foi no escopo de aprimorar essa relação dicotômica ensino/aprendizagem, professor/aluno, que esse trabalho foi desenvolvido, e claro, levar ao aluno o conhecimento sobre quem são os Sujeitos Históricos importantes que conhecemos.

Este trabalho está organizado em duas partes. Na primeira, registramos um olhar sobre o cenário e os sujeitos da pesquisa. Na segunda, apresentamos e analisamos a sequência didática produzida e desenvolvida com os estudantes. Por fim, registramos algumas considerações.

## **O cenário da pesquisa e os sujeitos: a Escola Estadual João Pinheiro**



A Escola Estadual João Pinheiro iniciou suas atividades educacionais em 1905, a fachada do seu prédio é tombada como patrimônio histórico, e recorrentemente, existem comemorações pela sua história. A escola, apesar de estar situada no centro da cidade, atende alunos de diversas partes do município. As séries disponibilizada pela escola são do sexto ano do ensino fundamental ao nono ano do ensino fundamental no matutino, e no vespertino o primário. A professora Tatiane Helena da Costa Paiva é uma das professoras de história da escola no período matutino, é egressa do curso de História da FACIP/UFU e supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência que é desenvolvido na escola. A escolha para o trabalho da sequência foi aleatória, sabíamos que seria em um dos sextos anos pois foram salas que estavam sendo acompanhadas por nós do projeto, o que colaborou bastante com o andamento da sequência, pois os alunos já estavam habituados em nos verem com a professora titular. A turma é bem diversificada, meninos, meninas, de variadas classes sociais, e havia um aluno que morava na zona rural. É uma turma que se encaixava nos padrões para a faixa etária que tinham. Havia uma média de 35 alunos no total. Na continuação do texto apresentamos algumas reflexões sobre a produção e desenvolvimento da sequência didática.

### **Os sujeitos históricos: o que dizem os estudantes do sexto ano do ensino fundamental**

O planejamento da sequência didática buscou levar os estudantes, do sexto ano do ensino fundamental, a sentirem-se inseridos no contexto histórico em que vivemos. A proposta não desconsiderou que estudantes são crianças, pois, mesmo que de forma lúdica e vivendo as percepções da terceira infância, é possível refletir e construir esse conceito de Sujeito Histórico, e mostrar que eles (os alunos) são sujeitos ativos na construção da história que se constitui em seus dias. Essa perspectiva de trabalho pode contribuir para quebrar a hegemonia de um currículo ainda engessado e eurocêntrico, mostrar que cada história, de cada pessoa (sujeito) que o cerca tem sua devida importância no meio em que está inserido, principalmente a história do próprio aluno.



O objetivo que nos propomos com as aulas desenvolvidas, consistiu em refletir, juntamente com os alunos, sobre quem são os Sujeitos Históricos que eles conhecem, e formar um conhecimento claro de que eles são, também, sujeitos da história. A intensão foi romper com o paradigma oficial que ainda conta história dos vencedores, e que ainda enaltece a difusão da história de grandes homens, sempre deixando de lado a história das mulheres.

Com efeito, a metodologia aplicada segue como base teórica o que Zabala (1998) que afirma que a aprendizagem é uma construção pessoal, pensando por esse prisma, as aulas foram divididas em três: na primeira aula, utilizando do quadro, foi escrito o Tema da aula e o Objetivo, com isso, pretendemos contextualizar o aluno com assunto que foi tratado e, mostramos para ele o que queríamos que ele entendesse com a aula, o Tema foi Sujeitos Históricos, quem são? E o Objetivo foi, entender quem são os Sujeitos Históricos que constituem a nossa história atual. Para ser mais didático, nos detivemos em problematizar primeiro o que é um Sujeito, depois, buscamos detectar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o Tema, assim como nos orienta Zabala (1998, p. 68) “(...) um debate sobre o tema, que facilitasse informar-se sobre os conhecimentos dos alunos para que servisse de ponto de partida da exposição”.

Na busca do conhecimento prévio dos alunos, pedimos para que anotassem no caderno o que eles entendiam por Sujeitos Históricos, ou, Sujeitos da História. A maioria dos estudantes registraram que os sujeitos históricos eram os nomes dos “heróis” estudados nas aulas de história e que apareciam nos livros didáticos. Segue algumas respostas produzidas previamente pelos alunos:

Pramim era os portugueses que estavam com cristóvão colombo por que ia lançar a vela, dirigir o barco escrever para o rei como está cendo a aventura e se eles encontraram alguma coisa, essas pessoas pramim são sujeitos historicos por que se não fosse por critovão colombo não teria decuberto a América. (P.A.S.N., 2016)

Sujeitos históricos são os nossos antepassados que já morreram ou fiseam história, tipo pedro alvares cabral ele fez história descobrindo o brasil. (N.F.A.F., 2016)



**IV Semana de História do Pontal  
III Encontro de Ensino de História**

**POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA**  
*na pesquisa e no ensino de História*

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal  
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



Na continuação da aula, passamos a leitura de um texto do livro didático, que neste caso se fez pertinente pois traz em seu conteúdo os conceitos que trabalhamos em sala de aula, segue o texto:

**Quem faz a História**

Durante muito tempo, os historiadores julgavam que a história era feita somente por reis, generais, presidentes e outros; com o tempo, pesquisando e refletindo, descobriram que a História não é feita apenas pelos grandes personagens, mas por todos nós; isto é, por *pessoas* como eu, você, sua professora, a diretora, o prefeito etc.; *grupos*, como o dos idosos, o dos soldados, o dos artesãos, o dos pobres, o dos ricos, o das mulheres etc.; e *instituições sociais*, como a Igreja, a Câmara dos Deputados, o Exército etc. Assim, pode-se dizer que você, eu, sua professora, seus parentes, os artistas, os políticos, a Igreja e o Exército, todos nós, portanto, somos *sujeitos* da História. (COUTRIN, 2014, p.19).

Para a leitura do texto recorremos a Guido (2008) ao afirmar ser necessário fazer uma leitura metódica. Segundo o autor, a leitura metódica consistem em três momentos: leitura exploratória, leitura estrutural e leitura interpretativa. Na primeira os estudantes anotam as palavras desconhecidas, na segunda busca compreender a estrutura do texto, identificando o objetivo do autor, por fim, interpretar o texto, estabelecer um diálogo com o texto. Fizemos uma primeira leitura silenciosa, depois pedi para que três alunos lessem o texto em voz alta. Identificamos palavras desconhecidas e trabalhamos as palavras que o texto destaca propositalmente como pessoas, grupos, instituições sociais e sujeitos.

Essa atividade proporcionou os estudantes a problematizarem sobre o que haviam escrito anteriormente. Os alunos tendo em mãos as primeiras percepções que haviam sobre Sujeitos Históricos, começaram com a leitura metódica do texto, a compreender que eles também eram sujeitos da história, pois identificaram-se com o texto, principalmente quando exemplificava as instituições sociais como igreja e escola como sendo lugares de sujeitos históricos. Começava aqui um rompimento com o paradigma oficial, e a aproximação do aluno como sujeito ativo da história.

Na segunda aula, assim como em todas as aulas, escrevemos no quadro o Tema da aula e o objetivo, que nesta aula priorizava analisar o sujeito histórico da canção “Cidadão”. Levamos uma canção intitulada “Cidadão”, interpretada pelo cantor Zé Ramalho, que traduz um conflito que existe entre as classes sociais, e mostra a peleja de





**IV Semana de História do Pontal  
III Encontro de Ensino de História**

**POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA**  
*na pesquisa e no ensino de História*

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal  
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



um pedreiro em sentir-se inserido no meio social, mas que sempre é discriminado por isso. Para trabalhar com a canção, foi necessário fazer uma ficha técnica para mostrar ao aluno gênero musical, compositor, interprete, ano da composição. Segue a canção.

Cidadão<sup>1</sup>

Cantor: Zé Ramalho  
Tá vendo aquele edifício, moço?  
Ajudei a levantar  
Foi um tempo de aflição  
Eram quatro condução  
Duas pra ir, duas pra voltar

Hoje depois dele pronto  
Olho pra cima e fico tonto  
Mas me vem um cidadão  
E me diz desconfiado  
"Tu tá aí admirado?  
Ou tá querendo roubar?"

Meu domingo tá perdido  
Vou pra casa entristecido  
Dá vontade de beber  
E pra aumentar meu tédio  
Eu nem posso olhar pro prédio  
Que eu ajudei a fazer

Tá vendo aquele colégio, moço?  
Eu também trabalhei lá  
Lá eu quase me arrevento  
Fiz a massa, pus cimento  
Ajudei a rebocar

Minha filha inocente  
Vem pra mim toda contente  
"Pai, vou me matricular"  
Mas me diz um cidadão  
"Criança de pé no chão  
Aqui não pode estudar"

Essa dor doeu mais forte  
Por que é que eu deixei o norte?

Eu me pus a me dizer  
Lá a seca castigava  
Mas o pouco que eu plantava  
Tinha direito a comer

Tá vendo aquela igreja, moço?  
Onde o padre diz amém  
Pus o sino e o badalo  
Enchi minha mão de calo  
Lá eu trabalhei também

Lá foi que valeu a pena  
Tem quermesse, tem novena  
E o padre me deixa entrar  
Foi lá que Cristo me disse  
"Rapaz deixe de tolice  
Não se deixe amedrontar  
Fui eu quem criou a terra  
Enchi o rio, fiz a serra  
Não deixei nada faltar

Hoje o homem criou asa  
E na maioria das casas  
Eu também não posso entrar  
Fui eu quem criou a terra  
Enchi o rio, fiz a serra  
Não deixei nada faltar  
Hoje o homem criou asas  
E na maioria das casas  
Eu também não posso entrar"



**IV Semana de História do Pontal  
III Encontro de Ensino de História**

**POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA**  
*na pesquisa e no ensino de História*

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal  
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



No trabalho com a canção, pedimos primeiro que os alunos lessem o poema individualmente, depois fizemos a leitura juntamente com os alunos, e em seguida, passamos a canção para ser ouvida, depois todos cantamos juntos. Identificamos palavras desconhecidas pelos alunos na letra da canção, uma delas era “quermesse”, quase ninguém sabia o que significava, então, passamos às perguntas para reflexão a cerca de alguns conceitos: Quem são os sujeitos da canção? Qual é a profissão do principal personagem da canção? Qual a importância da sua profissão? A história do pedreiro é importante? O objetivo das questões foram leva-los a pensar através de uma consciência cidadã, levando em conta que a história de qualquer sujeito é importante, e que não podemos discriminar nem segregar as pessoas, mas sim dar-lhes a importância como sujeitos da história.

Os alunos, participativos e interessados na aula, começaram também a identificar-se com a canção, pois muitos tinham pais que eram pedreiros, ou serventes de pedreiros, ou que tinham alguma profissão que era menosprezada pela sociedade. Começamos então a exemplificar que o Diretor da escola tem tanta importância para sua história, quanto a primeira professora que lecionou, assim como a cantineira que prepara o lanche diário e o porteiro que recebe os alunos para aula, e que todos, com suas respectivas funções tem muito a contribuir com a história da cidade, do bairro e de toda a sociedade. A canção se fez pertinente, pois tem um ritmo mais lento, o cantor com a voz grave e boa dicção, e a letra do poema que fala de pertencimento e busca por reconhecimento, fez com que alunos ouvissem com atenção e entendessem que todas as histórias dos sujeitos que eles conhecem são importantes.

Na terceira aula, para consolidação do que foi aprendido nas aulas anteriores, propomos uma atividade, levamos uma folha impressa com duas questões, primeiro pedimos para que os alunos transcrevessem para a primeira questão o que eles escreveram no caderno no primeiro dia de aula sobre Sujeitos Históricos. Em seguida, a questão foi: De acordo com o texto, a canção e as discussões em sala de aula, quem são os Sujeitos Históricos. E para apresentar alguns resultados, subscrevo os alunos já citados acima, mostrando o resultado alcançado e a mudança de pensamento:



**IV Semana de História do Pontal  
III Encontro de Ensino de História**

**POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA**  
*na pesquisa e no ensino de História*

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal  
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



Os sujeitos históricos são que também os que não são citados, como na canção o pedreiro que construiu o prédio e a escola, mas ele não pode entrar, na igreja ele pode, o sujeito histórico são também aqueles que ajudaram mais não são citados. (P.A.S.N., 2016)

Somos nós por que a gente faz história brincando, estudando, trabalhando, escrevendo, e várias outras coisas e é capaz que daqui a 100 anos alguém da minha família ou historiadores vão querer sobre o que eu fiz durante muito tempo. (N.F.A.F., 2016)

As respostas dos estudantes revelaram o processo de aprendizado, pois perceberam o quanto mudaram a percepção do conceito de sujeito histórico. Nas primeiras respostas, como afirmamos anteriormente, eram os grandes nomes da História e depois das aulas dialogadas compreenderam que todos nós somos sujeitos da História. Outra questão que não pode passar despercebida é o grande desafio do professor de História em contribuir no processo de leitura e escrita dos estudantes. As narrativas revelaram muitos problemas ortográficos, e o professor de História e de qualquer outra disciplina, precisa contribuir, pois consideramos que ao longo do ensino fundamental é imperativo que as crianças e jovens desenvolvam a leitura, a escrita e a capacidade argumentativa e a retórica.

### **Considerações finais**

As reflexões finais que fazemos seguem o mesmo caminho que Zabala(1998) nos mostra, que o aprendizado é um processo constante e individual, e que nem tudo tem a mesma forma de aprendizado, e que o professor deve se ater as individualidades dos alunos na construção do conhecimento, em determinados momentos vimos alguns pensamentos que são reproduzidos por aqueles em que os alunos confiam e que fazer parte do seu núcleo familiar, sendo factual algumas reproduções preconceituosas, mas que com diálogo e entendimento conseguimos que os alunos fizessem uma reflexão mais atenuada sobre determinados conceitos, neste caso, sobre os Sujeitos Históricos, que antes, ainda sobre uma história oficial, muitos acreditavam ser os “grandes” autores de feitos notórios na história, mas que enfim, começaram a pensar diferente pelas exposições das aulas e reflexão dos elementos trazidos, como o texto e a canção.





**IV Semana de História do Pontal  
III Encontro de Ensino de História**

**POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA**  
*na pesquisa e no ensino de História*

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal  
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



**Fontes e referências bibliográficas:**

COUTRIN, Gilberto. RODRIGUES, Jaime. *Saber e Fazer História*. editora: Saraiva. São Paulo, 2014.

GUIDO, Humberto. *A arte de aprender: metodologia do trabalho escolar para a Educação Básica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MELLOUKI, M'Hammed; GAUTHIER, Clermont. O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, interprete e crítico. *Educ. Soc.*, Campinas, vol.25 n.87, p.537-571, maio/ago.2004.

RAMALHO, Zé. *Cidadão. Pop. Álbum Frevoador*, 1992.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Trad. Ernani F. da F. Rosa. São Paulo. Artmed, 1998. p. 53 a 86.

---

\* Bolsista do PIBID-História. E-mail: <andrepetg@gmail.com>.

\*\* Supervisora do PIBID-História.

<sup>1</sup> Letra da música disponível em: <<https://www.letras.mus.br/ze-ramalho/75861/>>. Acesso em 10 out. 2016.